

PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO DA MADEIRA MANEJADA NO ALTO SOLIMÕES

20 junho 2007 - Edilson Costa – Projeto Floresta Viva

Contexto

No Alto Solimões existe um calendário específico para a produção madeireira baseado no período de chuvas, cheia e vazante dos rios, por onde as toras são transportadas. A chuva ajuda a retirar a madeira da floresta até igarapés maiores (enxurrada). Conforme esse calendário, maio é considerado o mês limite para se transportar madeira da floresta até as serrarias nos municípios. Chefes de equipes de exploração dos PMFSPE, financiados por patrões, permanecem ainda na floresta, finalizando a exploração e o transporte até o município.

Como a safra deste ano esta terminando e baseado nos PMFSPE licenciados no momento podemos fazer uma projeção da produção de madeira manejada (espécies, volumes e produtos), além de verificar destinações dessa madeira (mercados e preços).

PMFSPE licenciados

Atualmente temos 20 PMFSPE com licenças renovadas* no pólo 1, com 24 espécies diferentes entre madeira branca e madeira dura.

* tem mais 40 PMFSPE tiveram declaração de pos exploratorio (AFLORAM) e foram protocolados no IPAAM (pelo Tulio) para renovação de PM

* tem mais 27 PMFSPE que não tiveram pos exploratorio

* tem mais 11 PMFSPE elaborados em 2007 (AFLORAM) ainda não protocolados no IPAAM

Espécie	Volume/espécie
Cedro	2 456,9
Castanha de paca	952,1
Cedrorana	673,0
Louro	494,2
Marupá	257,0
Jacareuba	235,1
Angelim	189,9
Maubarana	161,8
Maúba	147,0
Faveira	84,3
Jitó	63,1

Caferana	60,1
Macacaúba	49,0
Maçaranduba	49,0
Louro quinino	45,0
Abacatirana	23,0
Puna	23,0
Louro rosa	14,0
Sucupira	13,0
Bacuri	11,1
Pinto caspe	10,3
Amarelinho	5,9
Louro cedro	2,0
Itauba	1,0
Volume total	6 038

O volume total potencial é de 6 037 m³ de madeira em tora, o que daria em média 300 m³ de madeira por PMFSPE.

O cedro continua sendo o carro chefe das madeiras exploradas no pólo 1, seguida pela Castanha de paca.

Espécies como jité, macacaúba, pinto caspe, sucupira, que podem ser demandadas pelos moveleiros para produção de camas, se encontram com volumes baixos nos planos de manejo, além do mulateiro que ainda nem foi introduzido como espécie a ser explorada. Marupá e castanha de paca apresentam-se com volumes interessantes para atender os moveleiros.

Produção e comercialização

Uma atividade do PFV é a descrição das cadeias de comercialização da madeira manejada, como ocorrem as negociações, preços praticados, produtos e destinos da produção.... para entender os arranjos comerciais e “pensar” arranjos que viabilizem as cadeias que o PFV pretende fortalecer.

De fato, todos os planos com licenças renovadas hoje (20), estão sendo explorados e é difícil fazer uma projeção de quais espécies estão sendo extraídas, além do cedro e castanha de paca, bem como seus volumes. Sabemos que preferencialmente o cedro e a castanha de paca são explorados e devem ser produzidos conforme volume liberado e não se pode garantir o mesmo pra as outras espécies.

Em se tratando de cadeias, ao arranjo que buscamos é que essa madeira que sai dos PMFSPE, abasteça as movelarias do pólo, os entrepostos, as serrarias e que saia pra mercados de fora também.

A cadeia extrator/moveleiro (com beneficiamento na serraria ou não) quase não existe por dois motivos: as movelarias ainda não estão regularizadas; não podem financiar a

exploração dos planos de manejo. [AMACAS : 4/17 estão em processo de regularização, 6/17 são interessados; ASPAM : 8/12 estão em processo]

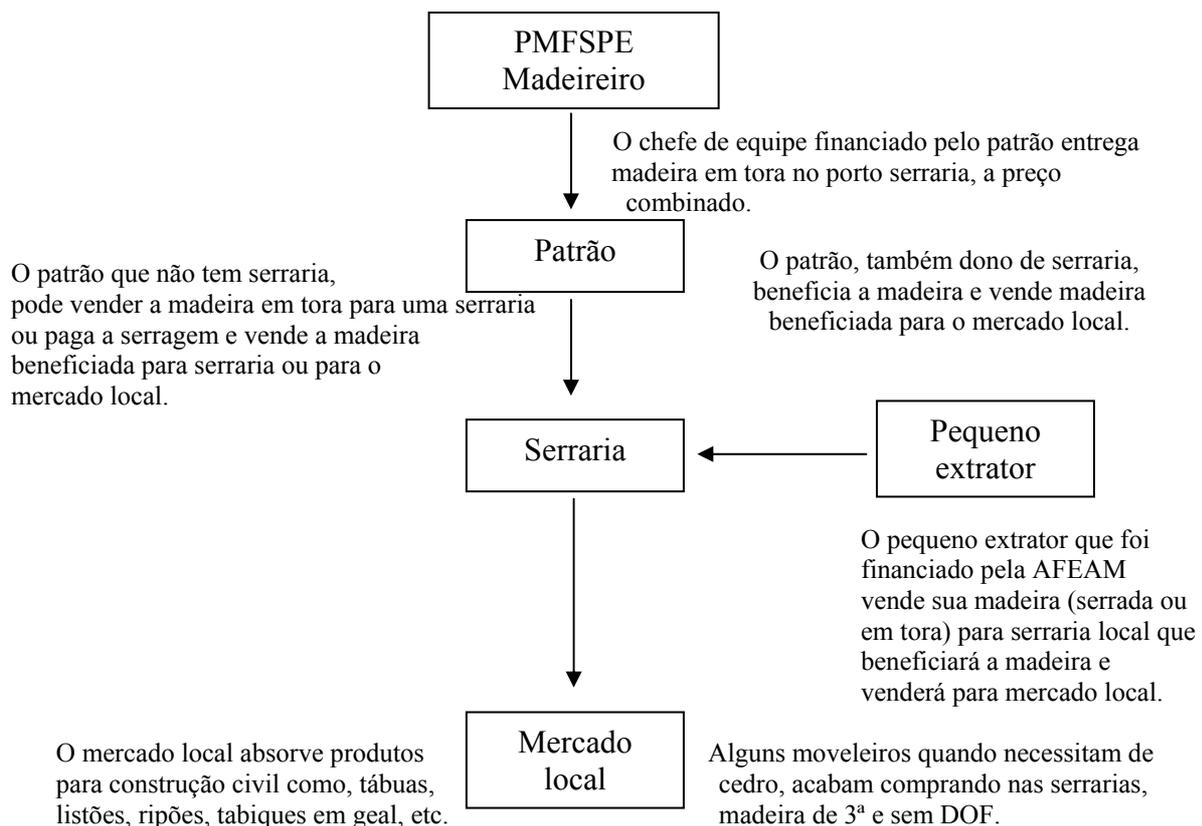
A cadeia extrator/serraria/moveleiro existe, de forma não legal, pois as movelarias ainda não estão licenciadas e não podem gerar o DOF. [AMACAS : 4/17 estão em processo de regularização, 6/17 são interessados; ASPAM : 8/12 estão em processo]

Na cadeia extrator/serraria/entrepósitos , os entrepostos também pouco compram das serrarias, pois encontram madeira mais barata com motosserristas clandestinos que não possuem planos de manejo; também precisam emitir o DOF e para isso precisam cadastrar no IBAMA (CTF), hoje não estão cadastrados ou estão com cadastros vencidos. [Enoc está querendo renovar o CTF, o Pedrinho ainda não se manifestou]

Duas cadeias distintas são perceptíveis no pólo 1:

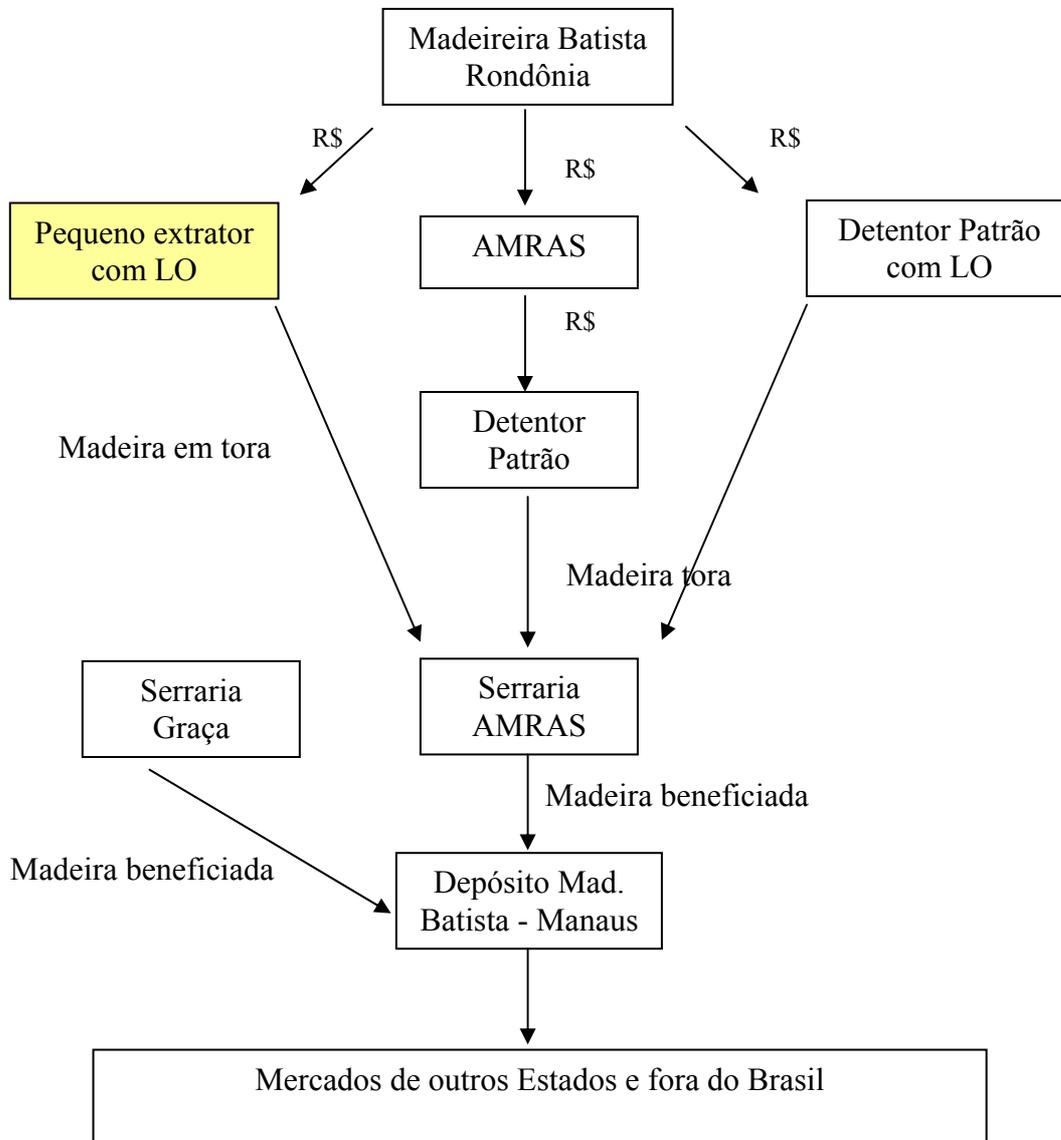
1. Detentor/Serraria/Mercado local

- Essa cadeia acontece conforme esquema abaixo



2. Detentor/Serraria/Mercado fora

- Empresa de Rondônia “Madeireira Batista” -



O primeiro arranjo dessa cadeia foi feito via AMRAS (2006), que negociou recursos da madeireira Batista e teoricamente financiou alguns sócios com PMFSPE para explorar o cedro. Com a demora na renovação das licenças, a safra não foi boa e a AMRAS ficou em débito com a empresa.

Em 2007 a empresa enviou um representante (1 pessoa) para Benjamin, responsável por negociar diretamente com os detentores dos PMFSPE ou com os patrões responsáveis pelo PM.

A madeireira Batista vem priorizando somente o cedro e toda a produção prevista para essa safra deverá ser absorvida pela empresa. Segundo o representante da empresa, as outras espécies liberadas não interessam muito, mas existe uma lista de espécies de

interesse da empresa (madeira dura) e que ainda não foram inseridas nos planos de manejo, são elas: Ipê, Jatobá, Massaranduba, Angelim pedra, Sucupira e Muirapiranga. A empresa compra madeira em tora e beneficia na serraria AMRAS ou já compra madeira serrada em diferentes bitolas (Raimundo graça).

Principais fornecedores: 3 patrões: Vitinho, Batelão e Raimundo Graça. Compram também de outros pequenos em volumes baixos, pouco representativo.

Principais Produtos: Madeira serrada em diferentes bitolas:

Vendem: O mercado dessa empresa e preços de revenda da madeira é desconhecido, seu representante desconhece o destino da madeira quando chega a Manaus.

Nota: Nem toda madeira que se encontra no pátio da serraria é proveniente de PMFSPE, muitos serradores financiados por pequenos investidores trazem madeira em prancha e até mesmo em tora para ser beneficiada na serraria e vender para o mercado local. Se a empresa compra também essa madeira sem origem, não se sabe (não divulgar).

Movelarias e Entrepósitos: Em Tabatinga as movelarias precisarão de madeira de PMFSPE para produção de carteiras, independente de espécie, precisariam de um volume disponível de 100 m³ para atender contrato de produção de carteiras para o Estado (4000 unidades) em 9 meses a contar de abril (AGROAMAZON exige a utilização da madeira manejada). As movelarias ainda não estão licenciadas, portanto impossibilitadas de comprar madeira da AMRAS ou do Graça, mas a ASPAM tem uma licença prévia do IPAAM e tem cadastro na SEFAZ, teoricamente poderia fazer o cadastro no IBAMA e emitir DOF, a exemplo da AMRAS. Confirmar com Marcus Biazatti.

Se existe essa possibilidade, seria um momento interessante para aproximar as duas associações para discutir compra e venda da madeira manejada (contratualização), passo importante para consolidação dessa cadeia até então inexistente.

Em Benjamin Constant saiu a primeira LO de uma movelaria, estando assim apta a negociar madeira manejada e solicitar DOF (fazer cadastro do IBAMA).

Com os Entrepósitos é mais complicado incentivá-los e inseri-los na cadeia da madeira manejada, considerando que são postos de revenda de madeira e pela relação com motosserristas clandestinos que fornecem madeira a preços menores. Essa cadeia é um pouco mais complicada de consolidar.

Relações comerciais nas cadeias

Patrão – Chefe de equipe – motosserristas e ajudantes.

O chefe de equipe é a pessoa que coordena e comanda as equipes de exploração da madeira, é caracterizado por ser financiado por algum empresário (patrão), que financia todos os custos referentes a exploração como transporte da madeira, salários de motosserristas e ajudantes, alimentação para equipe de exploração e outros. O chefe de equipe ao chegar com a madeira ao fim da safra, deverá vender a madeira para serraria, e saldar sua dívida com o patrão, que pode também ser o dono da serraria, o saldo que sobra é o lucro do chefe de equipe.

Valores praticados na exploração:

Motosserristas: salários variam entre R\$ 400,00 a R\$ 900,00 mensais ou variam em diárias de R\$ 20 a R\$ 35,00, com base em entrevista com detentores de PM. Os custos com motosserristas vão depender do tempo que a equipe permanece na floresta (em média de 8 meses – outubro a maio)

Ajudantes: salários variam entre R\$ 250,00 a R\$ 350,00 ou diária de R\$ 10,00.

Madeireiro antigo afirma que em uma equipe de exploração todos devem saber operar a motosserra, portanto não deve haver essa diferenciação quanto a salários e que em média cada um recebe um salário mínimo por mês (R\$ 350,00).

→ Motosserrista: R\$ 400 x 8 meses = R\$ **3200,00**
R\$ 900 x 8 meses = R\$ **7200,00** Média: R\$ **5200,00**

→ Ajudantes: R\$ 250 x 8 meses = R\$ **2000,00**
R\$ 350 x 8 meses = R\$ **2800,00** Média: R\$ **2400,00**

→ Custos com exploração madeira em tora: depende do volume a ser explorado e tempo de permanência na floresta.

2 a 8 meses de exploração: varia entre R\$ **1942** a R\$ 14.400,00 (informação errada), R\$ **3569,00**.

→ Custos exploração madeira em prancha: trazidas em tora ou pranchas e serradas na serraria.

5 a 8 meses de exploração: varia entre R\$ **23500,00** a R\$ **32910,00**.

Serrar prancha em tábuas: R\$ 40,00 por m³.

Serrar tora em tábuas: R\$ 60,00 por m³ da tora.

→ Custos com alimentação: permanência na floresta de 2 a 8 meses: varia entre R\$ **2200,00** a R\$ **3500,00**.

→ Custo mínimo total exploração de toras: R\$ **9342,00** – mais realista para 4 meses.

→ Custo máximo total exploração de toras: R\$ **17069,00** – mais realista para 8 meses.

→ Custo mínimo total para exploração de pranchas: R\$ **32842** – mais realista.

→ Custo máximo total para exploração de pranchas: R\$ **49979** – pouco provável.

Nota: Esses números foram obtidos com base em entrevistas realizadas com patrões e detentores de PMFSPE. Os volumes por explorados, conforme entrevistas variam de acordo com o tempo que se permanece na floresta e a distancia do PM, sendo complicado dessa forma, calcular custo de exploração de 1 m³.

Se em uma safra o madeireiro retira 200 m³ de cedro em tora, terá um renda bruta aproximada de R\$ 60000,00 e renda líquida de R\$ 42000,00, o que representa uma renda mensal aproximada por 8 meses de trabalho equivalente a R\$ 5000,00.

Se 200 m³ render 100 m³ serrado, a renda bruta gerada será de R\$ 110000,00 para o patrão dono de serraria. No caso da empresa W Brasil que deve conseguir preços mais altos (representante da empresa não tem conhecimento de valores), essa renda sobe ainda mais.

Dois a três anos no máximo e pode explorar cedro em um mesmo plano de manejo. A diversificação e valorização de outras espécies são necessárias para sustentabilidade dos PMFSPE.

Cubagem e classificação da madeira em tora

Ao chegar na serraria a madeira é classificada entre 1ª, 2ª e 3ª, conforme grossura, presença de rachaduras e ocos. A madeira de 2ª tem valor de 30% a menos e a de 3ª tem valor de 50% a menos comparando com o valor da madeira de 1ª.

Para cubagem, mede-se o diâmetro da ponta mais fina da tora, mede-se o comprimento e aplica-se a fórmula: $D^2 \times C \times 61,685/100$. Essa fórmula assemelha-se ao Volume Francon, com diferença que o DAP não é retirado no meio da tora. Esse método de cubagem considera os descontos da madeira, representando ganho para o patrão ou dono de serraria.

Preços praticados tora

Cedro: varia entre R\$ 300 e R\$ 310 o m³ de primeira;

Madeiras brancas:R\$ 80,00;

Madeira dura: Não é comercializada em tora;

Preços praticados madeira beneficiada

Cedro: Em Benjamin a empresa Madeireira Batista compra a R\$ 1150,00 m³ serrado. Seu preço de venda em outros mercados é desconhecido.

Madeira branca: sem informação.